

Viana do Castelo  
21 de Janeiro de 1967

Caro Esmeraldo:

Cá recebi com imenso prazer os seus votos de um 1967 feliz, que retiro muito grato, bem como minha família. Desejamos que para si também, este novo ano lhe traga as maiores venturas, tanto no plano familiar como no artístico. Confesso-me muito privilegiado por ter recebido este trabalho, que das suas mãos de grande artista veio até mim dar-me bastante alegria, pois trata-se de um gesto que jamais esquecerei.

Há pouco mais ou menos dois dias, estando eu a ver televisão, repari que anunciavam uma entrevista com Sérgio Esmeraldo. Claro está que dei logo um pulo e me pus atentamente a ver — lá apareceu o meu amigo e alguns dos seus trabalhos, que eu tive o maior prazer em voltar a ver. Só foi pena, e digo-o sinceramente, que não tivessem escolhido um locutor à altura, pois aquele "cara" é mesmo burro — é burro, mas é simpático.

Depois da minha última carta, eu não voltei a escrever-lhe, pois não sabia se você estaria em Cascais ou em Paris. Fiquei, portanto, à espera de notícias suas. Desejo que o seu êxito em Portugal tenha sido aquele que você na realidade merece ter: triunfo completo.

Não sei se se recorda de eu lhe ter falado na hipótese duma ida minha a Londres, durante as férias escolares da Párese. Pois bem, tive de abandonar esse propósito, porque os exames de Junho exigem de mim um trabalho diário e ininterrupto. Se ficar aprovado em todas as cadeiras em que vou a exame, terei terminado o meu curso liceal, bem como os preparatórios para a Faculdade.

Se na realidade Terminar o curso, irei em Outubro com  
começar ao Curso de Officiaes Pilotos Aviadores da Força  
Aérea, onde poderei fazer o serviço militar, fugindo  
assim à incorporação no Exército, do qual eu não gosto  
nada — do mal, o menor — não é verdade? Já  
que sou obrigado, como todos os outros, ao cumprimento  
do serviço militar, vou tentar cumprir-lo no ramo de  
que mais gosto — a Força Aérea. E aliás, o serviço  
feito na Aviação, pode-me ser mais tarde útil na  
vida prática. No meio disto tudo, o pior é a guerra  
em África, à qual vou ser enviado. Mas enfim, quem pode  
mandar e quem manda pode, olá se pode!

Juntamente com esta carta, envio-lhe um programa -  
apresentador duma encenação de "O Espinho de Godot",  
que o Grupo de Teatro de que eu faço parte levou à  
cena no nome Sá de Miranda. Foi uma homenagem  
póstuma que quizermos prestar a António Pedro, esse  
grande homem a quem o pobre Teatro português tanto  
ficou a dever. O espectáculo correu bem e o público,  
principalmente a crítica da imprensa, fez referências  
que nos satisfizeram bastante. O nome encenador -  
Adelino Ramos - com apenas 21 anos, é já hoje  
uma promessa para o nome Teatro, e a ele devemos  
os êxitos do nome Grupo. Ele esteve o ano pas-  
sado em Paris, e vai este ano momentaneamente aí e a  
Londres. Gostaria de mandar uma fotografia ao  
meu amigo, para que mire o cenário e me desse  
a sua opinião, mas neste momento é impossível,  
pela simples razão de ainda não ter em meu poder  
as que encomendei. Espero que o amigo Esmalado,  
agora em França, não perca o contacto comigo, pois  
dá-me imenso prazer receber notícias suas, e espero  
que em breve nos possamos encontrar cá ou lá. De  
minha família não os melhores cumprimentos e os vo-  
tos das maiores venturas, para si e todos os seus.

Deste amigo que o não esquece aceite um abraço.

Muito grato,

José Luís Faria